



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6469 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

NARRATIVAS DE PROFESSORES SOBRE AS SUBJETIVIDADES E A DIVERSIDADE NA SALA DE AULA

Maria da Conceição Oliveira Lopes - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Fábiola Silva de Oliveira Vilas Boas - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

NARRATIVAS DE PROFESSORES SOBRE AS SUBJETIVIDADES E A DIVERSIDADE EM SALA DE AULA

1 INTRODUÇÃO

A escola sempre foi pensada para atender aos interesses de grupos sociais economicamente favorecidos. A partir da organização de um currículo rígido e colonizado, ela sempre teve sua cultura pedagógica e didática orientada para essas classes hegemônicas e baseada num público homogêneo social e culturalmente. Hoje, o espaço escolar, atendendo às pressões sociais, à Constituição Federal de 1988 e à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96), que promulgam a *educação como direito de todos e dever do Estado*, abre-se para os grupos que dela foram alijados ao longo da história, constituindo-se em palco da diversidade.

No entanto, a escola continua a invisibilizar as diferenças na medida em que espera que todos os alunos tenham que se adaptar a um perfil único, secundarizando as individualidades e as experiências dos sujeitos, se constituindo reprodutora das desigualdades. Predomina o fazer educacional que não leva em consideração o capital cultural e as desigualdades sociais que influenciam no modo de aprender e no fracasso escolar das classes socialmente desfavorecidas (BOURDIEU, 2007).

O desconhecimento da história de vida e das identidades juvenis e adultas, que habitam a sala de aula, tem sido, no entanto, um fator que dificulta o olhar para uma pedagogia da diversidade. Inquieta-nos, como professora formadora de uma universidade pública e gestora de uma escola pública da cidade de Feira de Santana, na Bahia, e autoras deste estudo, ouvir relatos frequentes de alunos da Educação Básica sobre suas dificuldades, limitações, onde vivem, como vivem, com quem vivem, muitos deles filhos de mães-solo, oriundos da periferia, onde o Estado não está. Os dizeres por eles produzidos nos impulsionam a pesquisar se suas narrativas têm sido escutadas e visibilizadas em sala de aula e em que medida as ações pedagógicas desenvolvidas na escola consideram os contextos de

vida dos alunos.

Nessa perspectiva, este estudo resulta do recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento em um Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade pública da Bahia e propõe reflexões sobre as práticas educativas de professoras de Língua Portuguesa e as narrativas produzidas pelas docentes e pelos alunos, visando a uma pedagogia orientada para a diversidade e a formação de identidades. Interessa-nos observar se e como os contextos de opressão e o potencial narrativo que os jovens produzem sobre si, sobre o outro e sobre o modo como lidam com suas concepções, vivências e experiências são trabalhados em sala de aula.

É nessa seara de reflexão que se busca conhecer, no recorte aqui proposto, por meio de narrativas de formação, as práticas pedagógicas de professoras de Língua Portuguesa, egressas do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e colaboradoras deste estudo, que atuam numa escola pública estadual de grande porte, situada numa cidade do interior baiano e que atende estudantes, em sua maioria, da periferia.

De natureza qualitativa, o estudo estabelece diálogos teóricos sobre formação (NÓVOA, 1999), identidade (SILVA, 2014) e diversidade (ARROYO, 2008). O aporte metodológico segue princípios da abordagem (auto)biográfica (JOSSO, 2010; DOMINICÉ, 2010), uma vez que o estudo se interessa por narrativas produzidas por alunos e professores acerca de seus percursos de vida, entendendo-as como dispositivo fecundo, capaz de potencializar o processo de interpretação e reinterpretação dos fatos, pois permite aos sujeitos que reelaborem os processos históricos de suas aprendizagens.

Este artigo subdivide-se em cinco seções. Além desta introdução, tem-se a segunda seção, na qual se discute questões da formação docente, da diversidade e das identidades que constituem os sujeitos alunos e as implicações desses conceitos com os processos educativos. Na terceira, apresentam-se os caminhos metodológicos. Na quarta, os resultados parciais do estudo. E, por fim, tem-se a conclusão.

Os resultados parciais apontam que os processos educativos e a pedagogia do ensino de língua portuguesa apresentam sinais de um fazer narrativo revelador de histórias de vida dos estudantes e a necessidade de uma pedagogia socialmente sensível, fundamentada em política identitária.

2 UM OLHAR SOBRE AS TESSITURAS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS

Uma das vertentes de estudo do grande campo da formação docente busca reconceitualizar a formação de professores por uma perspectiva que valoriza a experiência e a subjetividade. É nessa esteira que surgem estudos que enfatizam as histórias de vida e os relatos (auto)biográficos como maneiras privilegiadas para se investigar as práticas educativas e as carreiras docentes. Conforme assinala Nóvoa:

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões de formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’” (NÓVOA, 2014, p. 153, grifo do autor).

Dessa forma, os processos formativos são chamados a conhecer essas histórias de vida

e a interrogar e refletir sobre sua relação e seu fazer pedagógico com a diversidade que habita a sala de aula, reconhecendo a escola como lugar povoado pelas classes trabalhadoras, do campo, da periferia, negros e negras, homens e mulheres, meninos e meninas, homossexuais, pobres, excluídos socialmente e ainda legitimado pela exclusão escolar quando a pedagogia não os reconhece como sujeitos de direitos e ignora as condições desiguais de aprendizagem.

Uma pedagogia articulada com as lutas sociais e consciente das formas de dominação ideológica que historicamente atravessam a educação demanda a construção de ambiências democráticas de fala, escuta, narrativas de afirmação da diversidade, de identidades, de valores, memórias e tradições coletivas, desconstruindo a visão homogênea e horizontal de culturas e identidades (ARROYO, 2008).

Nessa perspectiva, é importante não só reconhecer a diversidade como parte integrante do contexto escola, mas problematizar como as diferenças são construídas. A escola é um território habitado por híbridas identidades. A identidade é construída por meio da diferença. De acordo Silva (2014), a sociedade, impregnada de conceitos, impõe um padrão de comportamento, um modelo de identidade a todos, de acordo com a cultura produzida no seu tempo histórico, que foi socialmente estabelecida pelas representações. Aquilo que destoia do considerado normal, igual, passa a ser discriminado, olhado como o diferente. Portanto, a produção da identidade está intrinsecamente associada à diferença, demarcando território de contraste e luta. A identidade e a diferença se traduzem em declarações entre quem pertence e não pertence a um grupo, incluídos e excluídos.

E as identidades não são estáveis, constroem-se ao longo de um processo de discursos linguísticos, a partir das representações sociais construídas nos diferentes contextos. “A instituição escolar pode desempenhar um papel importante neste processo de escolhas identitárias e construção de autonomia pessoal dos jovens, desde que se encontre aberta ao diálogo com as novas gerações” (CARRANO, 2008).

Por isso, o olhar sobre práticas docentes prodiversidade e espaços de afloramento de experiências, gerando reflexões em torno dos processos de formação identitária.

3 TECENDO PERCURSOS: AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Dominicé (2014) e Josso (2010; 2014), ao falarem de formação e histórias de vida, chamaram a atenção para a falta/lacuna de uma teoria da formação dos adultos. Para os autores, o adulto tem, simultaneamente, uma visão retrospectiva e prospectiva, de modo tal que se encontra envolvido em uma problemática presente, mas também tem uma visão retrospectiva de sua vida que é levada em conta quando pensa o próprio futuro.

As narrativas orais ou escritas, as memórias, os textos (auto)biográficos se apresentam como possibilidades de escutar o outro. Segundo Cunha (1997), a narrativa tem sido bastante recomendada para fins de ensino, especialmente na perspectiva das propostas de produção do conhecimento, que têm o educando como um ser socialmente situado. São as narrativas dispositivos potentes para possibilitar a mediação didática do fazer docente, gerando diálogos sobre as diversas formas de ser, de pensar e de criar alteridades no espaço escolar. As diversidades se revelam nas narrativas, no movimento experiencial de cada sujeito, que se evoca cotidianamente a pensar e a se constituir em sua singularidade. Segundo Sousa & Cabral (2015), a narrativa faz parte da história da humanidade, os seres humanos são, por natureza, contadores, narradores de história.

Para Agamben (2005, 2006), citado por Paim (2015, p.3),

a experiência é, antes de tudo, experiência com a linguagem. Por isso, o autor fala da experiência muda e da experiência falante. Em outras palavras, a experiência com o outro que o texto literário nos permite é a possibilidade de passar da experiência muda para a experiência falante, isto é, de narrar a sua vida, de narrar-se.

A narrativa oferece ao leitor a possibilidade de experienciar outras vidas, outras formas de compreensão da realidade e encontrar-se consigo mesmo. A experiência reflexiva desse silêncio interior em contato com relatos de outros produz a experiência da exteriorização de suas narrativas e constituição de si e da vida através da linguagem. Para Agamben (*id, ibid*), essa singularidade é sentida durante as leituras, mas pouco explorada como procedimento crítico.

Neste estudo são apresentadas narrativas produzidas por três professoras que se disponibilizaram a relatar processos pedagógicos desenvolvidos em suas aulas. A pesquisa é de natureza qualitativa, a qual tem como finalidade proporcionar uma leitura ampla e significativa do fenômeno em estudo, no caso, o trabalho com a linguagem narrativa para capturar as histórias de vida e o auto-reconhecimento dos sujeitos. Ela permite trabalhar com “[...] o universo de significados, de motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 1997, p. 21) dos sujeitos pesquisados.

Como procedimento de análise das informações apreendidas dos sujeitos foi utilizada a Análise Textual Discursiva – ATD, “que corresponde a uma metodologia de análise de informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos” (MORAES & GALIAZZI, 2016, p.13).

A escolha pelas professoras egressas do PROFLETRAS deve-se ao fato do crescimento do programa enquanto espaço de formação continuada aplicada aos fazeres da sala de aula, possibilitando o diálogo com a Universidade sobre as “práticas de ensino” e de reflexividade no cotidiano escolar. Os nomes dos sujeitos são fictícios, para preservar a identificação das colaboradoras.

E assim, esperamos contribuir com reflexões significativas sobre o espaço escolar e as práticas educativas dos professores de Língua Portuguesa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO : UM OLHAR PARA AS NARRATIVAS DOCENTES

As práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras informantes da pesquisa com foco no conhecimento de aspectos das histórias de vida dos estudantes têm partido de experiências com textos dos gêneros memórias, relatos, diários, biografias, contos. Em entrevistas narrativas, é possível confirmar que, ao criar espaço para os estudantes falarem de si, tem-se contextos reveladores de suas realidades. Assim nos diz Luz:

Eu me lembro do trabalho com o gênero *Relato de experiência* que eu fiz com algumas turmas de 1º ano há alguns anos. Depois de explorar o gênero, eu propunha que eles fizessem o relato de uma experiência que tivesse marcado a vida. Lembro que saiam bons textos. Eu revisava com eles, mas não podia publicar, pois eram coisas muito pessoais. Mas lembro

que eram histórias que me marcaram muito. As histórias eram muito impactantes. Ainda me lembro de algumas delas (Luz, Entrevista 2020).

O olhar sensível para esses sujeitos, para essa sala de aula, a partir das descobertas realizadas, torna passível que a pedagogia desenvolvida considere a diversidade pessoal que individualiza cada sujeito, para se pensar num currículo fundamentado em política de identidade e respeito à diferença.

Outra narrativa, da professora Sol, relembra uma sequência didática com os alunos a partir do gênero Memórias literárias, com base na sequência do Programa Escrevendo o Futuro, que faz parte das Olimpíadas de Língua Portuguesa. Estudaram a característica do gênero, e, a partir da leitura do texto “Transplante de menina”, que compõe o livro de mesmo nome, de Tatiana Beliny, eles foram convidados a produzir textos de memórias, escreverem suas lembranças, descreverem lugares e situações. Ao ler as memórias dos alunos, a professora conta que se emocionou com a descoberta. Vejamos seu relato:

Os alunos ficaram muito emocionados com esse texto, e ao ler os relatos emocionados de suas produções, descobri que a maioria nunca havia tido uma festa de aniversário e então veio a ideia do aniversário coletivo. E foi um sucesso. (Sol, Entrevista 2020).

O texto trabalhado em sala suscitou o sentimento de empatia nos estudantes, que, ao se colocarem no lugar da personagem, se emocionaram, cúmplices do momento. Essa experiência os deslocou para suas memórias durante a escrita, permitindo um reencontro com sua vida íntima e a tomada de consciência de suas privações, das ausências daquilo que poderia ter e nunca tivera. A rememoração produz uma nova experiência no sujeito, que, ao reviver no pensamento a história, faz novas reflexões, tira novas conclusões e gera novo aprendizado.

A experiência é definida por Larrosa (2002, p.26) como “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma...”. A “experiência muda” seguida pela “experiência falante”, expressa na escrita, permitiu a professora tomar conhecimento de fatos da vida dos alunos e gerar uma ação pedagógica interventiva.

Um outro relato é o da professora Estrela, recolhido no período da quarentena e isolamento social, exigido pela pandemia da Covid 19 em que vivemos. A experiência se dá a partir da leitura da obra *Diário de Anne Frank*, sugerida aos alunos como inspiração para escreverem seus diários de quarentena e refletirem sobre os acontecimentos presentes. O propósito foi fazer pensar na vida com liberdade e a vida sem ela, na liberdade em seu sentido amplo, relatando esse sentimento de quem está em condição adversa de vida, e, através da “escrevivência”, se constituírem pelas narrativas de si e do outro. Nesses relatos, a professora toma conhecimento de histórias várias, sentimentos e descobertas várias, a exemplo de narrativas sobre a insuficiência de alimentação em casa para uma família grande, e de um estudante que relata seu sentimento de solidão, ao perceber que não tinha família, dada a ausência de conversa, de diálogo, por mais que as pessoas estivessem dentro de casa.

Com isso, reforçamos que a crise pandêmica e pós pandêmica ampliará o fosso social e educacional, além de agravar a fragilidade emocional dos estudantes, demandando compromisso da ação pedagógica com as lutas coletivas e fortalecimento dessas identidades que resistem. Petit (2009) traz a leitura, as histórias como mecanismos de ajuda na superação dos sujeitos em contextos de crise e situação de vulnerabilidade, atuando na reconstrução de si mesmo e na promoção de uma atividade psíquica saudável.

Até aqui o estudo nos permitiu confirmar que as narrativas se apresentam como um rico instrumento de escuta para que os professores conheçam as histórias de vida de seus alunos, as diversidades da sala de aula, reflitam sobre seus objetivos curriculares e possam desenvolver uma pedagogia sensível às desigualdades e construir caminhos para uma vida social mais justa.

5 CONCLUSÃO

O estudo aponta para a relevância da temática e para a importância de o docente criar tempo e espaço para escutar os alunos, ocupando as narrativas um lugar privilegiado para o professor conhecer suas histórias de vida e desenhar seu fazer didático-metodológico pautado na diversidade e em leituras e contextos discursivos que os ajudem a construir e afirmar identidades fortes, solidárias, resistentes, autônomas, críticas.

Como afirma Petit (2009), nossa vida é tecida por relatos. Isso reafirma a relevância do trabalho com práticas narrativas e autobiográficas, visando contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia da empatia e da inclusão com qualidade social dos diversos e diferentes sujeitos. Educar conhecendo as realidades é fundamental para os processos de construção de percursos e narrativas libertadoras. Da mesma forma, narrar suas práticas educativas contribui para o ir e vir do fazer docente e o pensar a desconstrução do currículo colonial.

PALAVRAS-CHAVE: Formação, Narrativas, Identidade, Diversidade

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. Os coletivos diversos repolitizam a formação. In: PEREIRA, Júlio En LEÃO, Geraldo (Org). **Quando a diversidade interroga a formação docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BOURDIEU, Pierre; NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio M. **Escritos de Educação**. 9. Ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2007.
- CARRANO, Paulo. **Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades**. In: MOREIRA, Antônio Flávio, CANDAU, Vera Maria (Orgs). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me agora!** As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Ver. Fac. Edu., v. 23, SP, 1997.
- DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, Antonio; Finger, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014. p. 77-90.
- JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, Antonio; Finger, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014. p. 57-76.

- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan/fev/mar/abril. 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 7. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2016. (Coleção educação em ciências).
- NÓVOA, Antonio; Finger, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal, RN: EDUFRRN, 2014.
- PAIM, Elison Antônio. **Narrativas, memórias e experiência do fazer-se leitor**, v.18, n.2, jul/dez. 2015.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SOUSA, Maria Goreti da Silva. CABRAL, Carmen Lúcia de O. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professor**, Horizontes, v.33, n.2, jul/dez. 2015.